

DA MÃE NA FILHA: ENSAIO SOBRE A TRANSMISSÃO DO FEMININO

Izabele ZASSO¹

Amanda Eduardo MARTINS²

Mariza Bonifácio SILVA³

Izabele@fag.edu.br

RESUMO

Quando nascemos, o nosso primeiro objeto de amor é a mãe, sendo assim, ela tem um papel significativo na nossa construção enquanto sujeito. Em relação à filha, uma das relevâncias da mãe se refere a sua construção enquanto feminina, ao passo que é impossível compreender a mulher sem considerar sua relação primária com a mãe. A partir disso, percebe-se a necessidade de falar sobre esse aspecto, já que por trás de toda filha há uma mãe. Se objetivou, através desta pesquisa de cunho qualitativo e exploratório, analisar de que forma a relação estabelecida com a mãe reverbera na construção do feminino da filha, com suporte teórico na psicanálise. Para isso foi realizada uma pesquisa de campo, com uma amostra composta por duas mulheres, selecionadas por acessibilidade e conveniência. Foi utilizada uma entrevista semiestruturada como instrumento para coleta dos dados, e a análise de dados foi feita com base na Análise do Discurso. Partindo disso, foi possível perceber que sim, a relação estabelecida com a mãe reverbera na construção do feminino da filha, através de elementos identificatórios, e que a mãe, por muitas vezes, ocupa a direção de um ideal de mulher a ser seguida.

Palavras-chave: Mãe; Filha; Relação e Construção.

¹ Professora orientadora e Psicóloga, graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: izabele@fag.edu.br

² Graduanda do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - Cascavel, PR. E-mail: amandaeduardo_martins@hotmail.com

³ Graduanda do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - Cascavel, PR. . E-mail: marizabonifacio15@gmail.com

FROM THE MOTHER TO THE DAUGHTER: ESSAY ON THE TRANSMISSION OF THE FEMININE

Izabele ZASSO⁴
Amanda Eduardo MARTINS⁵
Mariza Bonifácio SILVA⁶
Izabele@fag.edu.br

ABSTRACT

When we're born, our first object of love is the mother, therefore, she has a significative role in our construction, as a subject. In relation to the daughter, one of the relevancies of the mother is referred to her construction as feminine, to a degree that it's impossible to comprehend the woman without considering it's primary relationship with the mother. From that, it's noticeable the need to speak about this aspect, since behind each daughter there's a mother. It was targeted, through this qualitative and exploratory research, to analyze in which way the relationship established with the mother reverberates in the construction of the daughter's feminine, with the theoretical support of Psychoanalysis. For that it was realized a field research, with a sample of two women, selected by the accessibility and convenience method. A semi-structured interview was utilized as an instrument to collect the data, and it's analysis was realized with speech analysis as it's base. Based on this, it was possible to realize that yes, the relationship established with the mother reverberates in the construction of the daughter's feminine, through identifying elements, and that the mother, many times, occupies the direction of an ideal of a woman to be followed.

Key words: Mother. Daughter. Relation and Construction.

⁴ Professora orientadora e Psicóloga, graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: izabele@fag.edu.br

⁵ Graduanda do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - Cascavel, PR. E-mail: amandaeduardo_martins@hotmail.com

⁶ Graduanda do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz - Cascavel, PR. . E-mail: marizabonifacio15@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Historicamente as mulheres têm sido conduzidas a padrões sociais estereotipados, que designam maneiras consideradas ideais do ser mulher. Jacques Lacan (1901-1981) apresenta a frase “A mulher não existe” (p. 69), com A maiúsculo, representando a mulher como um constructo/ideia fechada. É possível compreender que Lacan não nega a existência da mulher, mas nega a existência de uma só mulher, deixando em aberto a pluralidade dessa. Com respaldo na teoria psicanalítica, acredita-se que a formação do feminino depende de inúmeros fatores, dentre eles, a relação mãe e filha, que é instituída até mesmo antes do nascimento.

Ademais, faz-se imprescindível compreender como ocorre a transformação de menina em mulher, pois como bem diz Simone de Beauvoir (1967): “Não se nasce mulher, torna-se” (p. 09). A partir disso, a transformação da mulher passa pela relação que esta tem com as figuras femininas que compõem sua vida, em especial, a mãe.

Ao pensar nas relações estabelecidas e o papel destas no desenvolvimento da feminilidade na mulher, entende-se, portanto, a importância de explorar e aprofundar a temática da relação mãe e filha, a fim de contribuir com a ciência e propiciar um olhar para este vínculo. Assim, o artigo procurou analisar de que forma a relação estabelecida com a mãe reverbera na construção do feminino da filha, tendo como suporte teórico a psicanálise; para isso, se buscou compreender a construção da relação mãe/filha, a fantasia relacionada à castração, e, conseqüentemente, a fantasia relacionada ao ser mulher, assim como os aspectos identificatórios da relação mãe/filha, para as entrevistadas.

No decorrer dos séculos, coube à mulher um papel ífero na sociedade devido uma lógica patriarcal e um pensamento misógino. Desde a era medieval, atividades relativas ao conhecimento e à erudição eram destinadas aos homens. O que designava a mulher era a submissão, o silêncio, a procriação e os afazeres domésticos. Na idade média a mulher foi sem dúvidas o maior objeto de inquietude; o ódio e a aversão ao feminino se originaram, grande parte, do pensamento cristão, em que se associava as mulheres a figuras místicas negativas, que atrelava a figura da mulher à bruxaria. Se passam tempos em que as personagens femininas são marcadas por ideologias misóginas, onde é imposta a imagem de mulheres submissas, frágeis e castas, como princesas e fadas, enquanto as mulheres insubmissas, fortes, más e lascivas, são representadas pelas bruxas. (SOUZA et al., 2018).

No final do século XIX e início do século XX, a mulher era escolhida e ao mesmo tempo comandada, pois eram os pais e irmãos que direcionavam com quem ela deveria se casar, e o único objetivo da mulher era arrumar um bom casamento e procriar (SOUZA et al.,

2018). Ainda no século XX houve um marco significativo e determinante na dissociação da sexualidade da mulher à maternidade, pois em maio de 1960 foi lançada a pílula anticoncepcional, que surgiu como uma representação da autonomia da mulher em relação à sua própria sexualidade (BAKKER, LEAL, 2017).

Na virada do século XX para o século XXI, houve uma alteração significativa em relação às verdades, limites e noção de sujeito. Embora atualmente a mulher venha conquistando espaço, ainda existe um caráter inferior ao feminino, porém, as conquistas das mulheres vêm sendo alentadas com representação delas por si mesmas, tentando romper padrões de comportamentos convencionados para a mulher, como, por exemplo, a exigência social que relaciona a mulher à maternidade (SOUZA et al., 2018).

Todavia, o valor atribuído à maternidade e o lugar social imposto à mulher faz parte de um vasto conjunto de significados que foram historicamente produzidos e compõem a matriz social e histórica do sujeito; a mulher, claramente, não sai ilesa de tais resquícios culturais. As mães, por exemplo, vêm passando por ideais de maternidade compostos ao longo dos séculos, enquanto ser ativo, que conforme vai se apropriando de linguagens e significados presentes na cultura, os ressignifica e confere a eles sentidos que coexistem com um significado sócio histórico (ALMEIDA, 2007).

Não podemos ignorar que a sexualidade da mulher sempre foi vista como um tabu. A psicanálise nos mostra que o desejo sexual tem origem na inclusão da cultura através da linguagem que nos separa do objeto de prazer primordial, já que o sexo biológico é insuficiente para dizer se nos identificamos como homem ou como mulher. A identidade se constitui a partir dos lugares que ocupamos no desejo de nossos pais, assim, cada um se estrutura de uma forma conforme atravessa o Complexo de Édipo (FERREIRA & NASCIMENTO, 2002).

Quando falamos de sexualidade, se faz importante mencionar que a mesma tem relação direta com a fantasia, o que não separa sexualidade das questões anatômicas, pois obviamente tem a ver com o corpo, porém, o corpo humano não é atravessado somente pela atração química, mas também pela força da palavra, do pensamento, do imaginário, do simbólico, da fantasia, enfim, do psíquico (CALLIGARIS & HOMEM, 2019).

J. D. Nasio (2007) explica que a fantasia é como uma encenação psíquica, que tende a ser inconsciente e busca a satisfação de desejos que não podem ser realizados no real. No Complexo de Édipo feminino, a fantasia apresenta-se como uma defesa do Eu sobre os desejos do Id. Assim, o sentimento de ódio é direcionado pela menina à mãe, e quando essa menina apresenta uma aversão ao pai ela deseja seduzir e/ou ser seduzida por esse pai (desejo

incestuoso). Por entender que seu desejo não pode ser satisfeito no real, a fantasia traz essa satisfação no inconsciente e apresenta a aversão como um sentimento reativo (sentimento oposto ao desejo original considerado sórdido).

Anteriormente ao Complexo de Édipo, o primeiro objeto amoroso da criança é a mãe, os primeiros investimentos de objeto ocorrem com o apoio nas pulsões de autoconservação. Na situação do Édipo, a menina troca de objeto e então o pai se torna o objeto de amor. O afastamento em relação à mãe ocorre sob um signo de hostilidade, a ligação com a mãe acaba em ódio. Essa espécie de ódio pode durar a vida toda, e pode, mais tarde, ser cuidadosamente supercompensada, porém, por via de regra, uma parte dele é superada e a outra persiste (FREUD, 1924-1925).

Essa hostilidade entre mães e filhas pode ser compreendida pela tentativa da filha estabelecer fronteiras identificatórias, fronteiras essas, que são constantemente ameaçadas pelo fato de a mãe e a filha serem do mesmo gênero. A hostilidade não é só pelo fato da mãe não ter oferecido um pênis para sua filha, seria também decorrente do desejo de possuir um refúgio por um apoio anatômico, para uma identidade separada da mãe (RIBEIRO, 2009).

O desejo da mãe pelo pai, levando em consideração que o pênis é compreendido como objeto parcial, pode ser uma dolorosa e necessária parêntese materna com o bebê do sexo feminino. A inveja do pênis pode ser compreendida como o desejo da menina de possuir o objeto de desejo da mãe, ou seja, pênis/pai. Com o intuito inconsciente de satisfação materna, a menina deseja oferecer à mãe o que ela busca no pai, porém, a menina não possui o asseguramento narcísico da posse de um pênis, sendo assim, ela chega à constatação de que não tem o que a mãe procura. Assim, não podemos compreender a mulher se não entendermos essa fase da ligação pré-edípica com a mãe (FREUD, 1924-1925).

No que se refere à feminilidade, sua construção é montada no Complexo de Édipo da menina, ao passo que o descobrimento de sua própria castração é um ponto de viragem no desenvolvimento dela (FREUD, 1924-1925). A maneira como a menina elabora a falta com a qual a sua anatomia se confronta, forma então sua feminilidade, que é resultante de todas as questões que já foram mencionadas em relação à inveja do pênis, porém não se trata somente da falta do órgão em si, mas sim, da falta de um símbolo feminino. Assim, não é coerente considerar a inveja do pênis como invariável no inconsciente, pois isso submete as mulheres, totalmente, a uma ordem fálica (ZALCBERG, 2003).

A escrita referente à feminilidade não apresenta um conjunto fechado, sendo assim, não se deve construir uma classe de mulheres, não existe uma classe feminina. As mulheres são únicas e só podem ser contadas uma a uma. Não há mulher “artigo definido” para designar o

universal, pois não há nela um significante que lhe seja específico. Portanto, a feminilidade é uma inscrição no erotismo, nos homens e nas mulheres, não mais regulados por uma lógica fálica (VALDIVIA, 1997).

Freud apresenta, em suas obras, que compreender a mulher não significa caracterizá-la, afinal, esse não é o objetivo da psicanálise, o foco em questão é compreender a formação e o processo de desenvolvimento da mulher (FREUD, 1927-1931). Feminino, feminilidade e mulher, embora estejam relacionadas, são diferentes. Em seus estudos sobre o feminino, Freud (1924-1925) fala sobre uma bissexualidade que, em suma, o ser humano apresenta, de forma harmônica, traços masculinos e femininos que estão presentes no Complexo de Édipo, caracterizado por processos identificatórios da criança, onde o sexo predominante recalca a representação psíquica do sexo oposto ao que foi predominado.

A construção da identidade feminina de uma menina está relacionada à diferenciação que esta precisa se colocar em relação ao desejo materno, assim, essa construção sofre influências oriundas dessa relação mãe e filha, pois as meninas buscam na figura materna um modelo do qual com o passar do tempo conseguem se diferenciar, no entanto, carregam consigo características essenciais oriundas dessa relação (ORTOLAN et al., 2017).

Sendo assim, o feminino é compreendido como um aspecto da vida psíquica que é inicial, fundante, e não está ligado a sexo ou gênero, mas sim, à dimensão do que é arcaico e não representado, ou seja, uma posição perante o discurso. Assim, identificações femininas instituem-se desde muito cedo com base nas variadas significações atribuídas pela mãe na sua relação com a filha. Pressupõem-se que haja a elaboração, por parte da filha, de diversas vicissitudes durante seu desenvolvimento, prioritariamente a questão da bissexualidade, o reconhecimento das diferenças, bem como a resolução do conflito edípico (WOLFF, 2009).

As questões identificatórias, contudo, podem ser ambivalentes, podendo se tornar tanto ternura e amor com a mesma facilidade que podem se tornar desejo de afastamento. Nesse processo de identificação está presente a tomada de valores e modelos, Complexo de Édipo e sua dissolução, ideais identificatórios e cultura, pois, desde a infância até o envelhecimento, tomamos modelos de identificação variados (NEGREIROS & CARNEIRO, 2004).

Com base no que foi mencionado, podemos considerar que o feminino é historicamente negado e recalçado. Não somente pelo que podemos chamar de dominação masculina, mas também pela forma de sociabilidade que é constituída a partir do domínio da natureza, seja essa do mundo real ou “dentro de si”. Com isso, compreende-se que essa identidade tem origem nas diferentes ordens de discurso, que são responsáveis pela mudança do sujeito, assim, as mulheres que se constituem femininas são submissas a momentos históricos

específicos, abrigam experiências particulares, emoções e vivências culturais, vivências essas que ainda são regidas por uma cultura patriarcal. Em outros termos, podemos dizer que a nossa civilização se constitui através da exclusão da singularidade e das mulheres (ARAN, 2000).

2 MÉTODOS

De acordo com Kauark (2010), a pesquisa consiste em um processo que visa uma resposta para determinado problema, tendo a ciência como resultado da pesquisa. Com base nisso, a metodologia utilizada no presente trabalho trata-se de uma pesquisa de natureza básica, assim dizendo, se busca propor conhecimentos acerca do assunto abordado, sem aplicação prática antecipada.

No que se refere à abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa qualitativa, isto é, a ideia dessa abordagem visa a relação entre o mundo e o sujeito. No que tange aos objetivos, insere-se em uma pesquisa de cunho exploratório, pois busca proporcionar um maior entendimento do tema estudado. No que concerne aos procedimentos técnicos caracteriza-se por um estudo de campo, tendo em vista que essa modalidade procura aprofundar as questões propostas, havendo, como objetivo, o estudo de um único grupo, proporcionando maior ênfase aos componentes desse grupo (GIL, 2002).

O público selecionado para a pesquisa foi composto por duas mulheres residentes no Oeste do Paraná, com idade superior a 18 anos e inferior a 30, de nacionalidade brasileira. A escolha por número reduzido de participantes se deu pelo fato de que a análise dos dados se deu a partir da Análise do Discurso e a mesma é demasiadamente complexa.

Um critério inclusivo foi que essas mulheres tivessem idade superior a 18 anos; questões relacionadas à orientação sexual, identidade de gênero e etnia não foram consideradas. Um critério exclusivo, foi a linguagem de Libras, tendo em vista que as autoras não dominam a Língua Brasileira de Sinais. A amostra foi formada por acessibilidade e conveniência, por meio de divulgação nas redes sociais. As primeiras duas mulheres que entraram em contato, e que se enquadraram nos critérios de inclusão, participaram da pesquisa.

Ao início das entrevistas, foi realizada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual se encontram informações sobre a pesquisa, como por exemplo os objetivos, a não obrigatoriedade da participação, a possibilidade de desistência do participante durante a confecção da pesquisa, a confidencialidade e sigilo de informações a

respeito do armazenamento do material coletado, bem como as assinaturas dos participantes que estavam de acordo com tal termo, após a leitura, foram coletadas as assinaturas das entrevistadas.

No que se refere aos instrumentos, foi elaborada uma entrevista semiestruturada para nortear as entrevistas. Segundo Gil (2008), esse modelo de entrevista é guiado pelos pontos de interesse que o entrevistador busca explorar ao longo da entrevista, contudo, também é possível perguntar algo que não foi previsto inicialmente na estruturação da entrevista, mas que venha a ser relevante para os objetivos da mesma. As entrevistas foram realizadas de forma online e sigilosa, por meio da plataforma *Google Meet*, por conta do período pandêmico de COVID-19.

Algumas das questões propulsoras desse roteiro foram: 1- Fale sobre si. 2- Fale sobre a relação com sua mãe. 5- Você se considera parecida com sua mãe? Em quais aspectos? 7- Qual a sua visão de mulher? Tais questões tiveram cunho aberto/livre, isto é, foram pensadas para que as pessoas entrevistadas pudessem associar livremente, respeitando o preceito da livre associação da psicanálise.

Após a aprovação por parte da Plataforma Brasil, foram iniciados os procedimentos através da divulgação da proposta de pesquisa nas redes sociais; agendamento do dia da entrevista com as primeiras duas mulheres que se disponibilizaram a participar da pesquisa e contemplaram os critérios de inclusão; coleta das assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); realização da entrevista semiestruturada e gravação da entrevista; transcrição da entrevista; Análise do Discurso dos sujeitos e apresentação da análise dos resultados.

Como mencionado, os dados obtidos foram submetidos à Análise do Discurso (AD), uma vez que a interpretação e a relação de cada sujeito frente à relação com a mãe e à constituição do feminino se configuram por meio da subjetividade de cada um. Para Orlandi (2009), a AD é prole da Psicanálise, da Linguística e do Marxismo. Além do mais, o próprio inconsciente, segundo Lacan (1955-1956), se envolve e se estrutura como linguagem.

A AD, embora também esteja interessada na gramática e na língua, trata efetivamente do discurso, palavra que traz a ideia de curso, percurso, movimento. É com o estudo do discurso que é possível observar o homem falando. A AD busca ainda, entender o discurso em termos de “como este texto significa?”, entendendo que o sujeito é descentrado da linguagem, afinal, é afetado pelo real da língua e pelo real da história (ORLANDI, 2020).

Além do mais, tanto a psicanálise lacaniana quanto a escola francesa de Análise do Discurso se interessam pela fala e pelo falante, pois esse é o ponto de partida para a

investigação Psicanalítica e da Análise do Discurso quanto ao processo de constituição de sujeito (SOUZA, 2014).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir dos dados coletados observou-se que em relação aos dados sócio demográficos, ambas as entrevistadas residem na região Oeste do Paraná, sendo que uma delas tem 22 e a outra 28 anos. A entrevista foi realizada no modelo online, através de entrevistas semiestruturadas, sem ser estipulado tempo mínimo ou máximo, tendo em vista que a primeira foi realizada em 17min e 42s e a segunda em 18min e 44s. Foram utilizados nomes fictícios para se referir às participantes no intuito de preservar o sigilo. Para a primeira entrevistada foi atribuído o nome de Hannah; esta participante apresentou respostas objetivas e diretivas durante a entrevista, ou seja, respondeu às perguntas, mas com certa dificuldade no que refere a discorrer sobre os assuntos propostos. A segunda foi chamada de Maria; essa participante mostrou uma alta disposição para falar durante a entrevista, tendo também uma boa desenvoltura para a linguagem, porém apresentou um discurso ambivalente e contraditório.

Cabe acentuar que esse estudo não teve caráter comparativo, ou seja, as entrevistas, seus dados e o discurso não são comparáveis. Outro ponto importante em relação ao caráter da pesquisa é que não existem conclusões e convicções, ou seja, a análise foi feita a partir de entrevistas curtas sobre a vida de uma pessoa, a qual, obviamente, é impossível analisar com completude. Além do mais, o inconsciente, por si, só segue essa lógica, ou seja, também é impossível conhecer cada canto desse sistema, mesmo em uma análise vitalícia em ambiente clínico.

3.1 ANÁLISE DE HANNAH⁷: UM IDEAL QUE SE ESCONDE DE SI

Ao analisar o discurso de Hannah foi possível observar algumas falas reticentes. Por exemplo, quando pedimos para falar sobre si ela encontra uma certa dificuldade e narra:

⁷ A escolha do nome Hannah, se deu por seu aspecto de reflexo, onde quando lido de trás para frente mantém sua forma original, tal como se refletido por um espelho. Tendo em vista que a entrevistada traz consigo uma visão especular através da mãe.

“Mmm, é difícil falar sobre mim”. Em outro momento, quando perguntamos sobre a visão que ela tem sobre o ser mulher, ela utiliza novamente a palavra difícil. Todavia, quando perguntamos qual visão a mãe tem dela, ela responde com maior facilidade e desenvoltura. Articulando isso à teoria psicanalítica, o prazer pela própria imagem depende do outro, no caso da narrativa da entrevistada percebemos esse prazer pela visão que a mãe tem dela, tendo em vista que foi um dos momentos que ela se mostrou mais disposta a falar, o que representa a antecipação da matriz simbólica do sujeito do inconsciente e base para todas as identificações secundárias posteriores do sujeito, seus destinos alienantes no outro, suas projeções objetais, sua agressividade em toda relação com esse outro.

Cabe mencionar o que Lacan (1962-1963) denominou Estádio do Espelho como momento da evolução da criança em que a mesma se reconhece na imagem do espelho a partir da identificação com a imagem do semelhante e se satisfaz com isso, configura, assim, uma identificação do sujeito, ou seja, uma imagem própria unificada. Essa experiência do espelho é fundamental para que no início da vida o bebê identifique a matriz que formará um primeiro esboço do eu. Ao enxergar seu reflexo no espelho, a criança se volta para a mãe como que, em um pedido, para que esta lhe confirme tal imagem. Quando a criança se dá conta de que aquele reflexo no espelho é seu, ocorre então o reconhecimento, a partir daí o sujeito pode posicionar-se em um lugar discursivo; o Estádio do Espelho é, então, o processo de subjetivação do sujeito, e introdução do complexo de Édipo. Com base na teoria mencionada levanta-se a hipótese de que Hannah apresenta resquícios desse estágio do espelho dando a entender que ela se vê através da fala e do olhar da mãe.

Em sequência, ao se investigar mais dessa relação da entrevistada com a mãe, ela relata que *“a mãe, eu acho que talvez até eu herdei um pouco dela essa questão de preocupação, né? Ela é muito preocupada, muito ansiosa e às vezes até um pouco superprotetora, né?”*. A palavra herdar na fala de Hannah remete a uma herança psíquica geracional que ajuda na compreensão de como o sujeito se constitui na junção entre a dimensão intrapsíquica e intersubjetiva. Se trata de reconhecer uma pré-história que antecede o sujeito, concedida por relações parentais e por transmissão cultural que atribui a influência de criar uma nova história, partindo dos conteúdos desta pré-história. Supõe-se ainda que se sucedem, da herança psíquica, talentos, habilidades, tragédias e adoecimentos, dos quais são formados os sintomas (FREUD, 1896).

Ainda a partir dessa fala, na qual ela apresenta certa identificação com a mãe, cabe mencionar que as meninas buscam na figura materna um modelo, do qual, com o passar do tempo, conseguem se diferenciar, no entanto, carregam consigo características essenciais

oriundas dessa relação. As questões identificatórias podem ser ambivalentes, podendo se tornar ternura e amor com a mesma facilidade que podem se tornar desejo de afastamento (ORTOLAN et al., 2017).

A partir desta fala, na qual ela traz sua identificação com a mãe, a entrevistada cita que *“Ela (a mãe) é muito preocupada, muito ansiosa e às vezes até um pouco superprotetora, né? Chega a ser às vezes até um pouco extrema de tão tão preocupada que ela é”*. Esta fala auxilia na compreensão de como se dá a relação entre mãe e filha. Winnicott (1999) apresenta em seus estudos, a ideia de mãe suficientemente boa, caracterizada pela maternagem saudável, considerada quando a mãe consegue perceber onde não se faz mais necessária deixando sua criança protagonizar suas próprias decisões e atitudes. A posição de superproteção insere no desenvolvimento do ego certa insegurança e uma autonomia debilitada, impedindo a criança de fazer suas atividades e demandas diárias.

Em outro momento foi perguntado à entrevistada sobre a visão da mãe em relação a ela, buscando ainda compreender a relação mãe e filha, e também, em partes, a fantasia de Hannah sobre o ser mulher, ela menciona que: *“Aí a mãe, ela é meio puxa saco, né? Das filhas ela me parece ter muito orgulho das duas filhas dela, né? Que ela batalhou pra tá criando, sempre fez de tudo pra dar uma maior educação para nós e ela ver que nós duas somos formadas, a gente já tem nossa profissão, né? Acredito que ela tenha orgulho das filhas”*. A partir dessa narrativa Winnicott (1948) propõe que o bebê possui algumas necessidades que são satisfeitas pela mãe, conforme o tempo passa e o bebê se desenvolve, ele começa a apresentar uma capacidade de elaboração imaginária das experiências físicas emergindo assim uma psicologia, uma atividade mental, um psiquismo transformando assim as necessidades corporais em necessidades egóicas. Cabe apontar que é possível observar questões narcísicas na fala da entrevistada, pois, segundo Freud (1914), o filho recupera o narcisismo perdido dos pais e a mãe tem seu narcisismo potencialmente resgatado na relação que estabelece com as filhas, e também as filhas se sentem reconhecidas pelo orgulho que a mãe sente delas. Isso nos leva a analisar a etimologia da palavra orgulho, que foi citada pela entrevistada e que tem em seu significado: sentimento de dignidade pessoal, conceito elevado ou exagerado de si próprio, amor próprio demasiado, soberba, assim nota-se que a fala de Hannah está relacionada com a fantasia da entrevistada em relação a si (FERREIRA, 2004).

No decorrer da entrevista, Hannah afirma se sentir influenciada pela mãe e narra: *“Eh eu até devido à religião, né. A gente segue a mesma religião, há muitos ensinamentos que ela me passou, afazeres da casa, né, do lar, e a questão da responsabilidade*. Entende-se, através dessa fala, os aspectos identificatórios da relação mãe/filha, a partir da relação das

entrevistadas. A entrevistada apresenta a religião como um dos fatores que levam a uma identificação, Freud (1930) afirma que a relação pessoal que cada indivíduo possui com Deus é derivada da relação com o pai do real, sendo esse Deus um pai glorificado, tendo tanto a imagem de um pai protetor e cuidador, quanto o medo da punição; dentro dessa relação mãe e filha, cabe a mãe fundar o pai como um mediador da lei, apresentando-o para além dela e de seu capricho, instituindo um terceiro nessa relação inicialmente dual, para que o sujeito em constituição ultrapasse essa posição inicial de sujeição ao Outro. E, como percebemos através do discurso de Hannah, a mãe apresentou o pai a ela, afinal, a mãe a levou para religião. Em seguida ela reforça esse aspecto identificatório com a mãe: *“Acredito que sim ela me influenciou muito no que eu sou hoje.”* A teoria psicanalítica traz que a construção da identidade feminina de uma menina está relacionada à diferenciação que esta precisa se colocar em relação ao desejo materno, assim, essa construção sofre influências oriundas dessa relação mãe e filha, pois a menina busca na figura materna um modelo do qual, com o passar do tempo, consegue se diferenciar, no entanto, carrega consigo características essenciais oriundas dessa relação. (ORTOLAN et al., 2017).

Ao ser questionada sobre os padrões de mulher, a entrevistada relata se sentir influenciada por alguns padrões, a partir da narrativa: *“É, talvez seria o corpo ideal, a busca pelo da beleza, seria talvez isso, né? O casamento perfeito, os filhos perfeitos, né? Hm-huh. Isso mesmo”*. Percebe-se nessa fala a presença do Ideal do Eu, que se apresenta como algo que se colocaria diante do ego como seu ideal. Quanto mais há inserção na cultura, mais os desejos se expandem para os ideais culturais, e o ideal do Eu, nesse processo, vai se tornando o meio pelo qual os indivíduos de determinada cultura se relacionam mutuamente, em busca de aceitação. Enquanto o Eu obedece ao superego por medo do castigo, ele submete-se ao ideal do Eu por amor, que exprime o Eros no ideal do Eu como força civilizatória (FILHO, 2019). Quando a entrevistada fala sobre o casamento perfeito e os filhos perfeitos, percebe-se uma rivalidade com a mãe, pois a perfeição surge a partir de uma comparação. Além de um padrão de mulher, também percebemos a presença de um padrão de boa mãe na narrativa da entrevistada, pois, quando questionamos se ela segue padrão ideal de mulher, ela imediatamente associa à maternidade e relata: *“acredito que sim, devido a ela (a mãe) ter sido, estar sendo uma boa mãe, né? Uma referência como ser uma boa mãe e da sociedade eu vejo que agora, Né?”* É possível analisar a obrigatoriedade cultural sobre as questões relacionadas à maternidade, já que o valor atribuído à maternidade e o lugar social imposto à mulher faz parte de um vasto conjunto de significados que foram historicamente produzidos e compõem a matriz social e histórica do sujeito. A mulher, claramente, não sai ilesa de tais

resquícios culturais. As mães vêm passando por ideais de maternidade compostos ao longo dos séculos, enquanto ser ativo, que conforme vai se apropriando de linguagens e significados presentes na cultura, os ressignifica e confere a eles sentidos que coexistem com um significado sócio histórico (ALMEIDA, 2007).

Hannah traz ainda mais questões sociais a partir da narrativa: *“Todas nós acabamos sendo influenciadas, ainda mais agora com, com, com as mídias sociais, né? A gente vê muito a mulher e tal, é muito exposto, né? Aí a gente acaba meio que escolhendo algum padrão, até seguindo, né? Aquele que parece ser mais ideal”*. Com esta fala Hannah apresentou certa adesão a um padrão de mulher. Segundo Aran (2000), identidade tem origem nas diferentes ordens de discurso que são responsáveis pela mudança do sujeito, assim, as mulheres que se constituem femininas são submissas a momentos históricos específicos, abrigam experiências particulares, emoções e vivências culturais. Em outros termos, podemos dizer que a nossa civilização se constitui através da exclusão da singularidade e das mulheres. Nosso atual momento histórico é constituído pelas mídias sociais e estereótipos de beleza que vem tomando grande espaço e relevância na sociedade contemporânea, sendo assim, percebemos de forma clara o impacto da tentativa de cumprir as exigências dos imperativos superegóicos da entrevistada. O momento histórico atual é o momento das mídias sociais e das ilusões expostas nas mesmas; nota-se a adesão da entrevistada a essas influências. De acordo com Bauman (2007), as redes virtuais parecem perfeitas para o mundo moderno, mundo no qual se almeja que as relações sejam constituídas de maneira rápida, e onde o capitalismo se manifesta de inúmeras formas, colocando as mulheres em uma posição de adesão àquilo que lhe é proposto através das redes, para cumprir os padrões socialmente estabelecidos.

3.2 ANÁLISE DA MARIA⁸: SOBRE A FILHA “PERDIDA”

A segunda entrevistada se mostrou resistente, tendo em vista que, a partir dos textos de Freud (1914), as resistências são repetições das produções defensivas que o paciente usa em sua vida. Representa atitudes de oposição por parte do paciente às descobertas feitas pelo analista sobre seus desejos inconscientes. Foi possível perceber essa resistência através do discurso ambivalente e contraditório da entrevistada, por exemplo, durante a entrevista ela

⁸ A escolha do nome Maria se deu por aspectos identificados no discurso da entrevistada, relacionados a posição ambivalente que a mesma toma frente aos “padrões” que considera existir; a partir disso o nome Maria representa uma estereotipação de nome feminino, que perdura através dos séculos, apresentando-se como um padrão.

afirma não seguir nenhum padrão, ela relata: “*Não, porque eu sou bem, bem fora desse padrão*”. No entanto, foi possível perceber que durante a entrevista ela apresenta um sofrimento por não ter cumprido as exigências sociais, ou seja, embora ela considere não seguir nenhum padrão, ela sofre por achar que não está cumprindo, isso se torna visível também a partir da narrativa: “*Eu não sigo (padrões) mas eu me culpo por não ter me formado antes de ter filhos, porque isso é muito difícil, tipo, pesa muito pra gente, porque daí assim você não tem um, uma faculdade, você não consegue ter um emprego bom né, então você não consegue um salário bom, nesse caso, assim essa parte fez falta, né? Se fosse pra fazer agora eu ia fazer bem antes de ter filhos*”. Segundo Lacan (1971), aquilo que é dito no discurso consciente, tende a se deparar com outro discurso que o nega e é exatamente essa ambivalência própria da palavra que nos permite ver o sujeito. Partindo disso, em “O mal estar na cultura” (1930), Freud reconhece a ambivalência das origens do sentimento de culpa: primeiramente uma angústia diante da figura de autoridade, e também a angústia diante do supereu/superego. A culpa não se delimita mais como um sentimento propagado, e sim como um sentimento onipresente e universal, uma infelicidade interior considerada contínua. A partir do texto, se torna compreensível que a sobrevivência da civilização só se dá com a exigência da limitação e renúncia dos impulsos do então sujeito, o que torna mais intenso o sentimento de culpa. Sendo assim, para a sobrevivência da civilização e evolução da cultura, são colocadas elevadas normas de conduta moral às quais os indivíduos devem se adequar, controlando seus impulsos e renunciando às suas satisfações.

No decorrer da entrevista pedimos para Maria falar sobre si, e a palavra que ela usou para se referir a si, foi, “*perdida*”. Ao analisar a etimologia da palavra perdida observou-se que essa palavra tem por significado: perda, desvio de caminho, algo ou alguém que se perdeu (FERNANDES *et al.*, 1998). Na psicanálise, no momento em que ocorre a evolução pulsional, que se origina através das primeiras experiências analíticas, aprende-se o objeto, através da busca de um objeto perdido, objeto este que corresponde a um nível avançado de maturação da pulsão, trata-se de um objeto reencontrado do primeiro desmame, objeto que inicialmente foi um ponto de ligação das primeiras satisfações do bebê, através desse seio materno (LACAN 1956-1957). Com base na teoria, entende-se que, a palavra perdida denota de uma satisfação, de algo que outrora se perdeu no seio da mãe, a partir dessa memória, que causa nostalgia, surge então, uma ligação do sujeito ao objeto perdido, assim, esse sujeito esforçasse buscando essa satisfação vivenciada no passado. Quando Maria se coloca como perdida, pode-se entender que ela encontra-se em uma busca constante pelo objeto perdido, objeto esse que denota da mãe, está ideia constata-se também quando ela menciona em outro

momento da entrevista que *“As meninas da escola, tipo, a mãe era sempre a que não deixava fazer nada e assim, a minha não, a minha deixava eu sair e eu não queria, entendeu? E isso me incomodava um pouco”*, essa fala parece denotar algo de um desamparo de uma mãe que após o desmame não faz borda para essa filha, e de um sujeito que quer ser interditado de realizar o seu desejo. Muitas vezes o sujeito repele o desejo, pelo mesmo ser insuportável para esse sujeito, sendo assim, o desejo pode ser aceito total ou parcialmente, ou esse mesmo desejo é dirigido para algo irrepreensível e mais elevado, o que é chamado de sublimação do desejo (LACAN, 1956-1957).

A entrevistada fala de si através da narrativa: *“Ai, ai, sou uma pessoa muito ansiosa, uma pessoa que exige muito dos outros. Acho que eu me vejo assim, sempre exigi muito da pessoa só pra mim. Acho que é isso, sou uma pessoa tranquila, não tão fácil de lidar, seria isso?”* Nessa fala a entrevistada diz querer as pessoas só pra ela e quando perguntamos da mãe dela, ela relata que a mãe é muito aberta, ela diz: *“É bem aberta, minha mãe é muito minha amiga, sempre foi tudo, ela é minha caixinha de segredos, é bem tranquilo”*. Essa fala leva a pensar que ela quer a mãe só para ela, no entanto, essa mãe é uma pessoa aberta, assim, é possível haver uma ação da resistência atuando sobre uma relação que não seja tão tranquila assim. Em *“Totem e Tabu”* (1913), Freud apresenta que um clássico exemplo de ambivalência das emoções humanas pode ser observado em casos de intensa ligação emocional com uma pessoa, na qual se descobre que por trás do amor expresso encontra-se uma hostilidade inconsciente. Freud afirma também que tal ambivalência emocional é inata, e pode se apresentar em menor ou maior grau, quando encontrada em abundância, apresenta-se onde menos se espera encontrá-la, manifestando-se na relação do sujeito com aqueles que mais gosta.

Ao falar sobre a mãe, a entrevistada relata: *“Minha mãe é uma pessoa muito cabeça jovem, ela é bem mais jovem que eu, bem mais pra frente que eu. E isso assim, me incomodava um pouco, mas eu fui aprendendo a lidar. Ela é bem, bem aberta pra tudo”*. Quando questionada por que incomodava tanto a mãe ser assim ela diz: *“Porque tipo assim não era um padrão (de mãe) né?”*. Segundo Freud (1924-1925), na situação do Édipo, a menina troca de objeto e então o pai se torna o objeto de amor. O afastamento em relação à mãe ocorre sob um signo de hostilidade; a ligação com a mãe acaba em ódio, essa espécie de ódio pode durar a vida toda, e pode, mais tarde, o mesmo ser cuidadosamente supercompensado, porém, por via de regra, uma parte dele é superada e a outra persiste. Freud (1930), em *“Mal-estar na Civilização”*, trata de amor, paixão e ambivalência entre amor e

ódio, ou entre a pulsão de vida e de morte, e afirma que a ambivalência está na raiz de instituições culturais importantes em nossa sociedade.

Posteriormente perguntamos à entrevistada se ela segue ou acha necessário seguir algum padrão de mulher, e ela diz que “*não*”. Todavia, o conflito dela em relação à mãe, como foi supramencionado, era justamente pela mãe não seguir um padrão de mãe, o que denota mais uma vez, a ambivalência do discurso da entrevistada.

Quando perguntado se ela se considerava parecida com a mãe, ela respondeu: “*Não. Nem um pouco. Bem diferentes*”, no entanto, ao falar sobre a mãe, ela relata: “*A minha mãe foi uma mulher que casou jovem, que não tinha estudo, não tinha condições e daí ela engravidou e depois que eu já estava grande, que daí eu podia ficar com o meu irmão, daí que ela foi se formar, criar o sonho dela, né? Que é ser professora e tudo mais, e assim foi indo. Então eu acho que eu tirei muito isso dela, essa questão de família, de ser mãe, né*”. Na última frase já foi possível observar questões identificatórias, e quando a entrevistada começou a falar sobre si ela relata: “*Eu queria ter estudado, eu queria ter feito faculdade, depois casar, depois ter filhos e foi tudo diferente comigo. Eu acho que mulher num tem que seguir um padrão. Eu acho que a felicidade depende daquilo que você quer, entendeu? Que você espera. Então assim, eu sou mãe de uma menina de dois anos, tô grávida e ainda não concluí minha faculdade. Então, pra mim, não vejo problema nenhum nisso. Casei antes de terminar a faculdade e estou estudando. E eu creio que você não precisa seguir um padrão de felicidade, tipo, ah, eu preciso ter um emprego, eu preciso ter uma casa, depois eu vou casar*”. Aqui é possível ver um padrão repetitivo. É preciso entender que cada indivíduo, através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas no início da vida, constituem formas específicas de se conduzirem em sua vida erótica, ou seja, precondições para se relacionar, essas precondições que se estabelecem nos instintos que buscam satisfação e nos objetivos auto determinantes no período da relação, isso produz um tipo de clichê estereotípico que se repete constantemente no decorrer da vida do sujeito (FREUD, 1912). Freud (1914) sugere uma continuidade da vida psíquica entre as gerações, considerando que a atribuição de lugares e significantes formadas pelos antecessores do bebê o tornam herdeiro dos sonhos e desejos não realizados de seus pais. É a partir deste e neste lugar que o bebê se apropria de uma pré-história, criando sua própria versão, o que futuramente irá marcar e assegurar o seu processo de singularização. Ainda no ano de 1914, em “Recordar, repetir, elaborar”, Freud apresenta pela primeira vez a expressão compulsão à repetição, ali colocada como um fenômeno clínico, além disso, de acordo com o autor, o paciente não se comporta calmamente sempre, se concentrando em recordar o material recalcado, mas se expressa pela

atuação, o paciente reproduz esse material recalcado não como uma lembrança, mas como uma ação, e repete essa ação, sem saber que o está repetindo. De acordo com o estabelecido, a partir da não possibilidade de que o inconsciente se torne consciente, resta apenas a repetição do material recalcado, como se esse material fosse algo atual.

Quando perguntamos qual a visão de mulher ideal, ela diz: *“Uma mulher ideal seria uma mulher; aí é difícil tipo falar assim, porque eu, eu creio que é aquilo, a mulher tem que ser feliz do jeito que ela é, ela tem que ter família, tem que ter um estudo, tem que ter um trabalho, mas que isso faça ela feliz”*. Ela coloca ter família e estudo como uma obrigatoriedade de mulher ideal. Após 1908, Freud traz o ideal feminino como nada mais que ser mãe, e esta sua ideia se mantém estável no decorrer de sua obra e especialmente quando apresenta, em 1932, este ideal relacionado à maternidade como sendo o ideal das próprias mulheres. Como já mencionado nesse artigo, Lacan (1901-1981) traz a fala de que “A mulher não existe” (p.69) e é esta inexistência que promove a sua existência enquanto ideal, a representação simbólica da mulher é inacessível, só sendo possível pela via da maternidade, no entanto, isto a situa como mulher somente enquanto mãe.

Após Maria narrar, que ela não é parecida com a mãe, e dizer que o fato da mãe deixar ela sair a incomodava, ela finaliza dizendo: *“eu só penso assim, que eu quero ser como a minha mãe pra minhas filhas, né? Pra minha filha ou pro meu próximo filho, ser aberta, escutar, saber deixar ir tipo em festa, essas coisas, saber até onde deixar ir, né? Não deixar solta, mas também não prender, porque prender faz mal”*. O que explicita a ambivalência do discurso da entrevistada. Freud, em nota de rodapé do texto “Instintos e suas vicissitudes” (1915), apresenta o termo ambivalência, que, segundo Bleuler (1910, *apud* FREUD, 1915), assumiria três formas; a ambivalência emocional, involuntária e intelectual; Laplanche (2008) conceitua Ambivalência como a “presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, fundamentalmente amor e ódio” (p. 17).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado a partir desta pesquisa, foi possível explorar os aspectos da relação mãe e filha, e compreender, em partes, os resquícios deixados por essa relação, na construção da identidade, e concepção do feminino nas filhas.

A pesquisa neste tema se apresentou necessária como contribuição científica. Isso porque atualmente as pesquisas sobre essa temática na área da Psicologia e Psicanálise se

encontram escassas. A partir dessa demanda, se tornou relevante a busca por um aprofundamento na compreensão da relação mãe e filha, a fim de propor uma maior compreensão dos possíveis impactos dessa relação na construção do feminino da filha, tendo como suporte teórico, a psicanálise.

Esse trabalho foi produzido a partir da obtenção de dados, no formato de discurso, de duas filhas, com idades de 28 e 22 anos, ambas residentes no oeste do Paraná. Os dados obtidos foram submetidos à Análise do Discurso, considerando prioritariamente a visão psicanalítica. A partir desse viés, é baseado nos objetivos específicos deste artigo, buscou-se compreender a construção da relação mãe/filha para as entrevistadas, entender a fantasia relacionada à castração para as mulheres entrevistadas, compreender a fantasia relacionada ao ser mulher nas entrevistadas, e entender os aspectos identificatórios da relação mãe/filha, a partir da relação das entrevistadas. Mesmo que esses objetivos estejam apresentados em tópicos distintos, não é possível desassociá-los de uma construção transpassada pela relação mãe e filha.

Dentro dos pontos anteriormente citados, e baseando-se na análise dos dados coletados a partir do questionamento sobre a identificação com a mãe e as respostas apresentadas, pode-se dizer que consciente ou inconscientemente a identificação com a mãe encontra-se presente, através da reprodução de atitudes, pensamentos e comportamentos.

No que diz respeito à relação com as mães, os relatos foram de uma boa relação, no entanto, no decorrer da Análise do Discurso, notou-se a falta de perguntas, na entrevista, que explorassem o desenvolvimento desta relação.

Ao serem questionadas sobre o ideal de mulher, que faz parte de um fenômeno social e também de uma fantasia, foram apresentados ideais de mulher, relacionados ao físico, como os ‘padrões de beleza’ colocados socialmente, e as ideias de que uma mulher tem que estudar, casar e ter filhos. Com isso, entende-se que, mesmo considerando esses padrões impostos pela sociedade, e passados de geração em geração, tais padrões fazem parte das fantasias das entrevistadas, principalmente no caso de Ana, que relata que gostaria de ter se formado antes de casar e ter filhos.

Ao buscar entender a fantasia relacionada à castração para as mulheres entrevistadas, verificou-se que as perguntas elaboradas não foram suficientes para contemplar o objetivo. Contudo, com base no material coletado, foi possível analisar de que forma a relação estabelecida com a mãe reverbera na construção do feminino da filha, e entender que sim, a mãe perpassa a formação da filha. Isso é notável a partir das entrevistas, nas repetições por parte das filhas, e pelo reconhecimento de semelhanças entre mãe/filha apresentados; no

entanto, não se pode desconsiderar a subjetividade de cada filha, e, por isso, vê-se uma possibilidade de dar seguimento a esta pesquisa, visando enriquecê-la ainda mais.

Com o exposto aqui, entende-se que apesar de resultados relevantes, satisfatórios e um rico conteúdo obtido pela pesquisa, a entrevista elaborada se mostrou insuficiente para alcançar todos os objetivos propostos. Para formular respostas conclusivas em futuras pesquisas, abordando tal tema, sugere-se que a entrevista seja mais ampla, para que assim a análise realizada possa ser mais abrangente. Com base nisso, faz-se possível uma continuidade de pesquisa a respeito do tema abordado no presente trabalho.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leila Sanches. **Mãe cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham.** 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232007000200011&script=sci_arttext> Acesso em: 21 de abril de 2021.

ARAN, Márcia. **Feminilidade entre psicanálise e cultura, 2000.** Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/physis/2000.v10n1/169-195/pt> > Acesso em: 03 de junho 2021.

BAKKER, Bruna. LEAL, Tatiane. **A mulher bioquímica: invenções do feminino a partir de discursos sobre a pílula anticoncepcional.** Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde. 2017. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/22743/2/9.pdf>> Acesso em: 20 de maio de 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo, 2. a experiência vivida.** Difusão Europeia do Livro. São Paulo, 1967.

CALLIGARIS, Contardo & HOMEM, Maria. **Coisa de menina? Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo.** Campinas SP: Papirus 7 Mares, 2019.- (Coleção Papirus Debates).

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques (org.). **Dicionário Brasileiro Globo.** 49. ed. São Paulo: Globo, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Silvia Lucia & NASCIMENTO, Enilda Rosendo. Imagens da mulher na cultura contemporânea, 2002. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/imagens.pdf#page=12>> Acesso em: 26 de abril de 2021.

FREUD, Sigmund. (1896) **A hereditariedade e a etiologia das neuroses**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1911-1913) **O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Vol. XXI. In: Obras completas. Rio de Janeiro. Imago, 1996.

_____. (1912) **Alguns Comentários sobre o Conceito de Inconsciente na Psicanálise**. In: FREUD, S. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. (1913) **Totem e Tabu**. Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. (1914) **Recordar, repetir e elaborar**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1915) **Os instintos e suas vicissitudes**. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1924-1925) **A dissolução do complexo de Édipo**. Trad. J. Salomão. Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1927-1931) **O futuro de uma Ilusão, o mal estar na civilização**. Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1930) **O mal-estar na cultura**. Editora Autêntica, 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FILHO, Gilberto Giordano. **Melancolia e narcisismo na contemporaneidade das selfies**. 2019. Disponível em: <<https://www.circulopsicanaliticors.com.br/arquivos/melancolia-e-narcisismo-na-contemporaneidade-das-selfies-165313.pdf>> Acesso em: 4 de setembro de 2021.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da Pesquisa: Um Guia Prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 18:** de um discurso que não fosse semblante (1901-1981/1971). Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Tradução Vera Ribeiro; versão final Nora Pessoa Gonçalves; preparação de texto André Telles.- Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **O seminário, livro 10:** A angústia (1962-1963). Texto estabelecido por Jacques Alain Miller; versão final Angelina Harari e preparação de texto André Talles; tradução Vera Ribeiro.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **O Seminário, livro 3:** As psicoses (1955-1956). Tradução de Aluísio Menezes. 2. ed. de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. **O Seminário, livro 4:** A relação de objeto (1956-1957). Texto estabelecido por Jacques Alain Miller; tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LAPLANCHE E PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise.** Martins Fontes, 2008.

NASIO, Juan-David. **A fantasia:** O prazer de ler Lacan. Tradução de André Telles e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góis Monteiro & CARNEIRO, Terezinha Ferez. **Masculino e Feminino na família contemporânea.** 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004> Acesso em: 23 de abril de 2021.

ORTOLAN, Maria Lucia Montovanelli; NAKANO, Patricia Sayuri; ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; SEI, Maíra Bonafé. **A relação mãe e filha em “Sonata de Outono”:** considerações psicanalíticas. 2017. Disponível em: < file:///tmp/mozilla _amanda 0/2666-8836-1-SM.pdf > Acesso em: 03 de abril de 2021.

ORLANDI, Eni, Puccinelli. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos.8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.

RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. **De mãe em filha:** a transmissão da feminilidade. 2009. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/15873/1/Marina%20Ferreira%20da%20Rosa%20Ribeiro.pdf>> Acesso em: 02 de abril de 2021.

SOUZA, Edilson Alves; PEREIRA, Nair Fernandes & FRANCA, Vanessa Gomes. **De mulheres e bruxas:** o imaginário medieval nos contos “são os cabelos das mulheres” e “quem me deu foi a manhã” de Marina Colassanti. 2018. Disponível em: <file:///tmp/mozilla_amanda0/20521-Texto%20do%20artigo-58886-1-10-20180629.pdf> Acesso em: 12 de abril de 2021.

SOUZA, P. **Análise de Discurso.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

VALDIVIA, Bittencourt Olivia. **Psicanálise e feminilidade**: Algumas considerações. 1997. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pcp/v17n3/04.pdf>> Acesso em: 30 de março de 2021.

WINNICOTT, Donald, Woods. Pediatria e psiquiatria. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas (1948). Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WOLFF, Mery Pomerancblum. **Reflexões sobre o feminino**. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v42n77/v42n77a11.pdf>> Acesso em: 02 de abril de 2021.

ZALCBERG, Malvin. **A relação mãe e filha**. 20ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.